

POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO LEITOR: A PRODUÇÃO POÉTICA DE HELENO GODOY EM SALA DE AULA.

MODERN AND CONTEMPORARY POETRY AND TRAINING OF THE READER: THE POETIC PRODUCTION OF HELENO GODOY IN THE CLASSROOM.

ASSIS, Renata Magalhães Vaz
E-mail: magalhaesrenata06@gmail.com

SILVA, Célia Sebastiana
E-mail: celia.ufg@hotmail.com

Resumo: O presente artigo parte da problemática de ‘Como a leitura da poesia moderna e contemporânea pode contribuir para formar o leitor literário?’ e objetiva discutir a formação de leitores literários na escola, a partir da leitura de poesia. A escolha do *corpus* de análise para a pesquisa surgiu do interesse de valorizar a produção poética do goiano Heleno Godoy, poeta considerado uma das figuras fundamentais para a poesia produzida em Goiás, em especial, nas obras mais recentes. Dessa forma, foram selecionados para trabalhar em sala de aula textos dos livros *A casa* (2001) e *Lugar comum e outros poemas* (2005). Para a metodologia, foi dado o trato qualitativo, em uma pesquisa-ação realizada em uma escola pública da cidade de Inhumas-GO. Foi feita uma intervenção com a leitura de poemas dos livros já mencionados, de Heleno Godoy, seguidos de debates, questionário semiestruturado e outras atividades pedagógicas. Os resultados apontam para a eficácia da formação do leitor de poesia à medida que ocorra uma boa mediação por parte do professor.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. Poesia Moderna e Contemporânea. Heleno Godoy.

Summary: The present article starts from the problematic of 'How can the reading of modern and contemporary poetry contribute to the formation of the literary reader?' And aims to discuss the formation of literary readers in school, from the reading of poetry. The choice of the corpus of analysis for the research emerged from the interest of valuing the poetic production of the goiano Heleno Godoy, a poet considered one of the fundamental figures for the poetry produced in Goiás, especially in the most recent works. In this way, poems of the books *A casa* (2001) and *Lugar comum e outros poemas* (2005), among other poems, were worked. For the methodology, the qualitative treatment was given, with an action research carried out in a public school in the city of Inhumas-GO. A classroom intervention was made with the reading of poems from the books already mentioned, by Heleno Godoy, followed by debates, semi-structured questionnaire and other pedagogical activities. The results point to the effectiveness of the formation of the poetry reader as there is good mediation by the teacher.

Key-words: Teaching. Reading. Modern and Contemporary Poetry. Heleno Godoy

INTRODUÇÃO

Heleno Godoy possui vasta publicação literária que vai de poesia, romance, conto, ensaio, estudos críticos a traduções. Com o nome de batismo Heleno Godói de Sousa, nasceu no estado de Goiás, na cidade de Goiatuba, e é considerado “o artista

literário mais constante, inteiro e sólido dentro da literatura feita em Goiás em todos os tempos”, segundo Carlos Augusto Silva, em artigo publicado no *Jornal Opção*.

Sua constância se dá por meio de uma linguagem assimétrica, que se materializa na noção e (re)conhecimento ‘do que escreve’, ‘por que escreve’ e ‘daqueles aos quais ele – o poeta/escritor – quer atingir’; e, também, por compreender a dimensão da arte, a qual não deve satisfação a nada, a não ser a si mesma; que o escritor possui, antes de tudo, apenas obrigação com a obra em si; que nada pode impedi-lo de produzir, do contrário, seria ato de censura, e, também, por ter em si a convicção de que a poesia, especificamente, e os textos como um todo reagem, por meio do leitor, e o levam a um motim: pessoal, ideológico, social e literário.

Godoy é professor titular de Literatura Inglesa, aposentado na Universidade Federal de Goiás (UFG). É formado em Letras, mestre em *Modern Letters* pela *University of Tulsa* e doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP. Passou por momentos de transformações na academia universitária, por volta dos anos 70, no Brasil e conhece não somente a literatura, mas também a teoria, assim como descrevem Vicentini e Silva (In: GODOY, 2015).

Para Bernardo Élis (In: GODOY, 1993), o escritor, como poucos de sua geração, instaurou em Goiás, e até mesmo no Brasil, uma literatura inovadora, que rompe com o tradicionalismo. Com obras em que há mais transpiração que lampejo, poesia racional e analítica, com versos econômicos, breves, uma dicção particular e com um trabalho que busca valorizar ao máximo a arte em si.

Costa Lima (In: GODOY, 2015) destaca, em artigo na *Folha de S. Paulo*, o anonimato de Heleno Godoy, mesmo com seu número significativo de publicações, e acrescenta: “o poeta federal’ do primeiro Drummond, é desconhecido porque ousa viver distante da república das letras, em Goiânia e, acrescente-se, por não compensar essa falta com versos folclórico-pitorescos” (Lima, In: GODOY, 2015, p. 501). Assim, o poeta permanece desconhecido por um público leitor fora de Goiás e pela crítica literária brasileira. Nesse sentido, Yokozawa (In: GODOY, 2015) diz que o não reconhecimento de Godoy se dá pelo fato de ele ter publicado seus livros quase todos em editoras locais e em Goiânia mesmo permanecer. Ainda, de acordo com a pesquisadora, seu maior destaque, fora dos limites goianos, foi por meio de Luiz Costa Lima, que publicou uma crítica a *Lugar comum e outros poemas* no “Caderno Mais”, da *Folha de São Paulo* (23 de abr. 2006).

Heleno Godoy, por meio da expansão do real e do concreto, trabalha com as palavras de modo que possibilite a ressignificação semântica e, assim, atribua novos sentidos a sua poesia. Essa ressignificação ocorre por via de um processo intimamente ligado ao imaginário e propício à sensibilização e à comunicação por meio do poético, de maneira que a poesia seja uma forma de comunicação com o mundo. A arte poética, pois, surge do encontro do elemento objetivo com o subjetivo, da fusão do intelecto com a sensibilidade. Dessa forma, Godoy coloca em sua obra traços de sua própria existência e busca o trato com o cotidiano, mas sem esquecer a forma do poema, sem afastar o poema da vida e fazendo com que a poesia dê sentido aos eventos rotineiros, conforme aponta David Oscar (In: GODOY, 2015, p.499).

Nessa linha, Godoy, ao longo de seus livros, transita entre temas sociais, políticos, econômicos, familiares e de memória. O poeta ainda, no decorrer de suas publicações, volta-se para o universo dos objetos, dos fatos sociais, das paisagens, com algumas obras dedicadas a conhecidos ou pessoas queridas e admiradas. Ele caminha, com facilidade e leveza, entre o objetivo e o subjetivo, com até mesmo confissões, transitoriedade no espaço e dentro do próprio “eu”, sendo que nada é mais importante que a própria palavra e seus desdobramentos.

Heleno Godoy escreveu ao todo catorze livros em cinquenta anos de publicação literária, sendo dez deles de poesia. Seu primeiro livro de poesia, *Os veículos*, foi escrito em 1968, e é o mais próximo de *Lavra lavra*, de Mário Chamie, conforme relata Yokozawa (In: GODOY, 2015). O segundo livro de poesia foi *Fábula fingida*, obra mais experimental de Heleno, um poema longo e simultaneamente épico e lírico, por sinal mais lírico, e com forte ligação com T. S. Eliot. Na sequência, há a publicação de um romance: *As lesmas*; e um livro de narrativas: *Relações*, o qual recebeu o prêmio “Hugo de Carvalho Ramos”, em 1979.

Em 1992, surge *A casa, corpus* de análise deste estudo, livro que não se apóia no experimentalismo do Modernismo, como acontece em *Fábula fingida*.

A casa, terceira obra na cronologia de publicação em obra poética de Heleno, trabalha em torno do objeto ‘casa’, perpassando o adentrar, o habitar, o existir e o coexistir da casa, de forma denotativa e prioritariamente conotativa, começando pelo lugar como espaço habitável, passando a um espaço múltiplo, humano, complexo e contraditório. No entanto, o trabalho com as coisas não torna a poesia desumana e nem menos lírica. Usa-se o substantivo ‘casa’ e a partir dele faz poesia.

Godoy, nesse livro, apresenta um viés objetivo, mas que não se distancia da subjetividade, uma vez que o lastro subjetivo, embora não apareça na derme dos textos, está imanente à obra. O livro explora as representações polissêmicas da “casa”, assumidas no plano da concretude, no plano afetivo, existencial e antropológico, com uma poesia mais do pensar que do sentir. O poeta goiano, por meio da consciência do fazer artístico e em sintonia com a proposta moderna de distanciamento do sujeito lírico do objeto poético, usa uma linguagem que evita elucubrações do eu, com uma obra poética que é um desdobramento da inteligência sobre o domínio da técnica, alcançando assim a fruição poética.

Logo, o livro retrata, com maestria, o domínio da palavra e do fazer poético, sendo a representação da maturidade, do conhecimento e do rigor, das técnicas literárias e da escrita. Ele vai do espaço físico à simbologia, ao relato de narrativas, dramas, sentimentos e experiências cotidianas. Goiandira O. de Camargo (In: GODOY, 2015) ressalta que o escritor colhe, em *A casa*, o que há de prosaico no mundo e o transforma, por meio do criar, em poesia.

A organização do livro, com edição datada em 1992, é estruturada desde o início, com capa ilustrada pela filha do poeta, Mariana Carneiro Godoy de Souza, com um desenho pueril e traços evidentemente de criança, em que se observa a imagem de uma casa simples, com uma chaminé, acrescida da representação visual da fumaça; um jardim, com flores, e a imagem de uma criança. O sujeito central do livro é, por conseguinte, a casa, que vai desde o sentido físico (a estrutura), até o sentido simbólico (imagens, narrativas, acontecimentos diários); saindo do ‘vazio’ para a ‘completude’ por meio da habitação. Depois, a casa se torna ‘espaço’, lugar de convivência; passando a ‘espaço existencial’, ‘antropológico’, de ‘memória’. Há ainda a força do tempo, que, por mais que haja ondas renovadoras nessa mesma casa, a rotina fala mais alto e se impõe. O acúmulo é outro ponto expressivo, já que a casa vai, ano após ano, amontoando e sendo depósito de coisas, sensações, objetos, materialidades. Assim, o tempo passa a ser a própria casa, na qual os habitantes se circunscrevem e aprendem.

Dessa maneira, em *A casa*, Godoy trabalha com as palavras de forma a colocar o ‘habitar’ em consonância com os integrantes desse espaço, levando atividades diárias e rotineiras a assumirem papéis fundamentais para a completude da casa.

Já o título do livro, ao mesmo tempo que demonstra certa impessoalidade e distanciamento do poeta, situa essa dada casa em um lugar específico em relação a todas

as outras existentes. O elemento que garante essa interpretação é o artigo definido “a” (*A casa*), o qual confere à casa uma relação de pertencimento. Assim, a linguagem é que assume e norteia o caminho a seguir quanto à subjetividade lírica, ou não, presente no texto. Por conseguinte, o eu-lírico se mostra ausente, mas faz com que a subjetividade, sua voz e marcas façam presença por meio das estratégias linguísticas e trato com as palavras. A linguagem, então, fala por si só.

Portanto, *A casa*, obra dotada de autenticidade, mantém a simetria e a objetividade em sua estruturação e linguagem. Godoy sabe, ao seu modo, (re)criar uma linguagem e escrita próprias que resultam na complexidade e na completude da obra *A casa*, uma obra planejada como livro, projeto artístico coeso, ao contrário de *Lugar comum e outros poemas*; organizada em quatro blocos; estruturados, cada um deles, com quinze poemas, totalizando sessenta poemas ao todo, mais as epígrafes.

O outro livro que constitui o *corpus* de análise dessa pesquisa é *Lugar comum e outros poemas*: o sexto livro de poesia de Heleno Godoy, publicado em 2005. Depois dele, o escritor já “deu à luz” a mais duas obras de poesia: *Sob a pele* (2007) e *A ordenação dos dias* (2009), além dos inéditos publicados em *Inventário*. Segundo Yokozawa (In: GODOY, 2015, p. 508), “*Lugar Comum* é o livro mais pessoal de Godoy”. De caráter menos coeso que *A casa* como projeto artístico, aparentemente, com poemas agrupados em conjuntos temáticos, fundados na memória da infância, poemas que retratam o período do mestrado do poeta nos EUA, autorretratos, com poemas à beira da prosa e com bastante presença do humor.

O humor e mesmo a ironia são constantes em *Lugar comum e outros poemas*. No entanto, ainda segundo Yokozawa (In: GODOY, 2015), um humor que funciona, na verdade, como um antídoto do confessionalismo e garante o afastamento do ‘eu’ à ‘matéria-lírica’; com uma ironia à tradição literária, o que confere distanciamento crítico; uma ironia à obra em si, por meio do questionamento constante da linguagem de sua própria produção literária, como aconteceu essencialmente com Cabral; por vezes, uma autoironia e, até mesmo, uma ironia voltada para o mundo, como forma de criticar e questionar a (des)ordem capitalista, política e contemporânea.

Assim, complementar ao trabalho com o humor e a ironia, há a marca da modernidade em *Lugar comum*, onde se nota também a influência bandeiriana, de acordo com apontamentos feitos por Yokozawa (2015). Essa influência se mostra mais evidente em poemas sobre a memória da infância e da adolescência do poeta. Dessa

forma, Manuel Bandeira tem maior e mais intensa presença em *Lugar comum e outros poemas*, já que nessa obra ele se presentifica

por meio de uma linguagem simples, que se avizinha da prosa e é assinalada pelo humor. Assim, pois, revela-se mais uma das múltiplas influências consubstanciadas pelo poeta que estreou sob o signo da Práxis: o modernismo de 22 em sua versão muito pessoal como o realizou Manuel Bandeira. (YOKOZAWA, In: GODOY, 2015, p.509)

Por conseguinte, *Lugar comum* é o livro do autor que estabelece maior comunicação com o leitor mediano, já que mescla lugares comuns às vivências também comuns aos leitores. Destarte, a escolha do título do livro se justifica por ser vista,

numa primeira acepção, como sinônimo de banal, daquilo que acontece de uma forma ou de outra a toda gente, ou o que pode acontecer a toda gente de uma forma ou de outra. [...]. Mas a expressão *lugar comum* tem ainda outros significados, não menos verdadeiros, que podem ser vistos como o lugar das relações em que coisas comuns, sentimentos ou confissões, podem ser compartilhadas.

O lugar comum como o espaço onde coisas podem ser compartilhadas é por excelência também o lugar da poesia. (OSCAR, In: GODOY, 2015, p.498)

Poesia que, segundo Godoy, qualifica-se como boa ou má, já que existem muitas “medidas mal feitas” e “pesos mal calculados”. O que resulta, ainda de acordo com Heleno, em uma “desastrosa estética/matemática, poética de consumo/rápido, poesia fácil de lamúrias.” (GODOY, 2015, p. 207).

Sobre os conteúdos memorialísticos trabalhados pelo escritor, Yokozawa (2015), em *Reconfigurações da memória na poesia brasileira contemporânea*, diz que a reflexividade sobre esses conteúdos é constante nos poemas autobiográficos de Godoy. Ela complementa que, mais que o trato com a memória, o poeta reflete criticamente sobre essa matéria pessoal “num exercício expandido de autorreferencialidade que é uma das constantes líricas godoyanas” (YOKOZAWA, 2015, p. 52). A estudiosa refere-se à autorreferencialidade e à postura crítica sobre a memória como marcas, também, de textos modernos, e lembra a familiaridade desse trabalho à narrativa monumental de Proust. E termina por assim considerar: não se trata apenas de uma literatura de memória, mas de uma “literatura sobre a memória, que é crítica da memória e dela mesma, o que termina evidenciando os deslimites entre as formas de memória no lirismo e no “pós-lirismo”.” (YOKOZAWA, 2015, p. 52).

Portanto, vale dizer que em *Lugar comum*, e nas demais obras do poeta, há uma originalidade e uma diversidade que compõem uma unidade do todo, mesclando o moderno e o contemporâneo, sem perder de vista o audaz e o autêntico, marcas precisas de Heleno Godoy.

Ainda sobre a escrita godoyana, segundo Procópio (In: GODOY, 2015, p. 601), a Poesia Práxis – ‘vanguarda com que Godoy travou contato quando ainda fazia parte do GEN’ (Grupo de Escritores Novos) – muito influenciou a escrita de Heleno Godoy, a ponto de Mário Chamie considerá-lo como um de seus maiores instauradores no Brasil. A Práxis está diretamente ligada ao criticismo às novas vanguardas brasileiras, especialmente ao Concretismo, com críticas incisivas à vanguarda concretista e o academicismo desse movimento, visto as inúmeras publicações que os escritores adeptos à Práxis realizaram com divulgações extensas, complexas e engajadas demonstrando suas insatisfações e com a proposta de uma nova estética poética.

Na Práxis, portanto, a palavra passa de ‘meio’ para ‘matéria-prima’: recurso maior da linguagem e responsável pela arte da e na escrita. Assim, a Poesia Práxis pode ser definida como:

(...) aquela que organiza e monta, esteticamente, uma realidade situada, segundo três condições de ação: o ato de compor; a área de levantamento da composição; e o ato de consumir.

(...) o “ato de compor” implica, acima de tudo a tomada de consciência de um projeto semântico. Dessa forma, o poeta, ao elaborar um poema, não deve prender-se a esquemas formais pré-determinados. (...).

A “área de levantamento” é definida como uma realidade escolhida. Não se tem a escolha de um tema, mas o levantamento e a exposição de um problema. (...).

A última condição do poema práxis é o “ato de consumir”, ou ato da leitura ao nível da consciência dos leitores. Não significa que se deve escrever para o leitor segundo a sua educação e o seu alcance intelectual. (...). Mário Chamie considera, no “ato de consumir”, o papel do autor que, ao deixar o “ato de compor”, torna-se também leitor. (Procópio, In: GODOY, 2015, p.602)

A Práxis realoca, pois, a poesia, de modo que ela deixe de lado unicamente a preocupação estética, tão presente no Concretismo e Neoconcretismo, e passe a discutir o papel social da poesia como divulgadora das questões sociais. Dessa forma, a visão formalista do texto agrega-se à visão crítica da realidade brasileira, com caráter participante ou social, com denúncias das desumanidades da vida moderna, críticas ao capitalismo, à exploração do proletariado, ao crescimento urbano e à industrialização.

Como herança da Práxis, então, Godoy apresenta uma preocupação com a organização de seus livros, feita de forma meticulosa e com uma linguagem precisa. Com a Práxis, Godoy aprendeu que um livro, sobretudo o de poemas, é uma organização total, que deve ser elaborado do início ao fim, e no qual “todos os poemas devem ser subordinados”, assim como o próprio Godoy relatou a Miguel Jorge (In: GODOY, 2015, p.614).

Nessa linha de estudo há o GEN que, ainda segundo Miguel Jorge (In: GODOY, 2015, p.610), trabalhava desde a literatura brasileira à literatura estrangeira, com escritores que tinham a mesma proposta: a inovação. Esses escritores iam de:

Kafka a Guimarães Rosa; de Clarice Lispector a Machado de Assis, James Joyce, Faulkner, Hemingway, Proust, Sartre, Camus, além, é claro, de passar por todos os modernistas da Semana de 22, para chegar a Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, enfim, buscar os recursos do passado, mas reconhecendo o processo criativo do presente. (JORGE In: GODOY, 2015, p.610).

O GEN queria, por conseguinte, firmar-se na história cultural de Goiás. Seguidamente, criou-se a Revista do GEN, uma revista artesanal e liderada por Heleno Godoy e Reinaldo Barbalho. Nesse veículo de comunicação, publicavam-se poemas, artigos, contos, crônicas e críticas; além de se pretender a não estruturação comum dos textos em ‘princípio, meio e fim’ e à negação da convencionalidade das rimas. Outro ponto de destaque é a necessidade da autorreflexão sobre o mundo e as coisas, papel assumido pela Poesia Práxis, e pela urgência na inovação, porém, sem se abster daquilo de bom e louvável que os grandes escritores modernos e estrangeiros ofereceram e oferecem à literatura e aos leitores.

Resistente ao GEN e com uma crítica contundente ao grupo, Gilberto Mendonça Teles (1964), em *A poesia em Goiás*, questiona algumas condutas do grupo de escritores novos e, por assim dizer, a audácia desses escritores, referindo-se a eles como um grupo de poetas iniciantes que acreditavam ser responsáveis pelo atual movimento literário de Goiás. O crítico ainda sustenta sua análise com alusões à palavra ‘movimento’, voltando-se para a etimologia da palavra e seu significado no campo social e literário.

O GEN, no entanto, não se propunha a criar uma academia ou um movimento literário. O intuito do grupo era o de estudo, divulgação do trabalho dos integrantes do

GEN e o de movimentação, no sentido de fazer acontecer e dar-se a conhecer na cultura de Goiás. O GEN, portanto, representou uma inovação em diversos aspectos da literatura goiana e fez parte, diretamente, de um significativo crescimento literário de seus integrantes, a ponto de os maiores representantes das letras goianas da contemporaneidade terem feito parte do Grupo, destacando-se aqui Heleno Godoy.

A literatura de Godoy volta-se, também, para o tempo, mas, sob a perspectiva da ruptura da tradição, já que carrega marcas da influência de outros escritores de relevância e reafirma, então, a transmissão de uma geração a outra, de formas literárias e artísticas, ideias e estilos, costumes e crenças. Assim, instaura uma literatura inovadora, autêntica e audaz, que se constitui, segundo Paz (1984), de um equilíbrio entre tradição e modernidade.

À vista disso, Paz (1984, p.15, grifo do autor) diz que “o *moderno* é uma tradição. Uma tradição feita de interrupções, em que cada ruptura é um começo;” (...) por conseguinte, qualquer interrupção na transmissão equivale a quebrar a tradição. (...) “A tradição da ruptura implica não somente a negação da tradição, como também da ruptura...”.

Portanto, para Paz (1984), ser moderno é entregar-se ao *novo*, mas sem se esquecer do passado. Trabalhar com o incerto, viver no transitório, adaptar-se, porém, sem se desligar por completo do passado. Para Baudelaire (1996, p. 24), a modernidade consiste em “extrair o eterno do transitório”. Ele, ainda, ressalta a beleza que há e que se pode extrair dessa transitoriedade. O eterno, então, é o *belo*. E o moderno é o *passageiro*.

Já Eliot (In: ELIOT, 1989, p. 39) considera que “nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho”. Para o crítico literário, o poeta só alcança sua glória pessoal e literária por meio da apropriação de suas características por parte de seus predecessores. A tradição, segundo Eliot, não pode ser herdada, ela deve ser conquistada. Envolve, primeiramente, o senso histórico, que se centra na percepção de que o passado ainda se faz presente e da existência desse mesmo passado. Não que seja necessária uma aceitação da obra passada e de seu teor. É nesse sentido que aparece a crítica estética, a qual dá total liberdade ao poeta para inová-la.

Dessa forma, mesmo que involuntariamente, o poeta é regido pelas normas do passado (o discurso do outro), não condenado ou repudiado por sua (re)criação e (re)leitura (o enunciado), mas sofre uma comparação mútua, porém, que não coloca em

juízo o questionamento do valor de sua obra e de seu precursor, pois a essência da obra nunca se altera, o que modifica são os meios usados. Mesmo com tamanha diversificação nas produções, a sociedade nunca abandonou Shakespeare e Homero.

Assim, a poesia é, ainda de acordo com Paz (1993), o antídoto da técnica e do mercado e, se o homem um dia se esquecesse da poesia, retornaria ao estado de caos e se esqueceria de olhar a si mesmo. A poesia exercita a imaginação, permite reconhecer as diferenças e identificar as semelhanças contidas no mundo. O teórico mexicano ainda acrescenta que o gênero poético tem sido uma das manifestações de maior vigor da crítica emergida com a modernidade.

Em *Os Filhos do barro*, Paz (1984) faz considerações a respeito dessa crítica e complementa que por possuir ressonâncias intelectuais amplas, vale acoplá-la à palavra ‘paixão’. O termo ‘Paixão crítica’ é, então, conceituado por Paz e vai ao encontro da poesia e ao movimento que o gênero poético imprime. O poeta diz: “Enamorada de si mesma e sempre em guerra consigo mesma, não afirma nada de permanente nem se baseia em nenhum princípio: a negação de todos os princípios, a mudança perpétua é seu princípio” (1984, p. 21). Não obstante, ainda segundo Paz (1984), a mudança perpétua da poesia a configura, paradoxalmente, em um cenário de permanência entre os tempos. Passado e futuro se fundem. A poesia, portanto, é o agora, o presente, independente do tempo ou da época.

Nesse contexto, se vislumbra a poesia contemporânea, que se esvazia na sua relação com a tradição, uma ‘tradição da ruptura’ que é intitulada por Octavio Paz (1984) como modernidade. Uma ruptura, portanto, que anuncia o fim do Modernismo, ou suas transformações, e que só ocorre devido a ausência de movimentos da poesia contemporânea. Logo, dentro desse caráter da efemeridade, o termo ‘contemporâneo’ se situa em um mundo que apela para o consumo de notícias e de mercadorias à guisa de informações rasas e rápidas.

Agamben (2009), lembrando Roland Barthes, inteira que o contemporâneo é o intempestivo. Aquilo que, ao coincidir com sua época, se dissocia dela, se mostra inatual e que possui a capacidade de se perceber e de se apreender ao seu tempo. A contemporaneidade exige, portanto, a distância. As palavras que regem o contemporâneo são *dissociação* e *anacronismo*, isto é, só é contemporâneo aquele que não coincide com nenhuma época, que se mantém mais ao longe, e, assim, consegue voltar o olhar sobre essa época e vê-la não sob o signo das *luzes*, mas sob o *obsuro*.

Ligado, portanto, a todos esses processos, (o da modernidade, contemporaneidade, a poesia e formação leitora), está Heleno Godoy que, em sua poesia, estabelece uma intensa relação com a cultura ocidental, mantendo-se próximo a T. S. Eliot, Ezra Pound e James Joyce, assim como afirma Vicentini e Silva (In: GODOY, 2015). Destarte, Godoy é um contemporâneo leitor dessa tradição moderna. Ele nasceu no seio da vanguarda Práxis, dessa tradição da ruptura, portanto, no seio da modernidade, e encontrou seu próprio caminho. Apesar de uma relação com a tradição lírica ocidental, nota-se, na poesia godoyana, uma proximidade a figuras importantes como Drummond, Mallarmé e Horácio, com forte eminência lírica, mas que não é feito à maneira deslumbrada, preservando-se a poesia de Godoy dos arroubos sentimentais característicos de boa parte dos contemporâneos.

Após essa situação contextual e crítica da poesia e do poeta, passa-se, na seção seguinte, às etapas percorridas na metodologia deste trabalho para apresentar como se deu a entrada da poesia de Heleno Godoy numa sala de aula da Educação Básica.

Sob os trilhos do fazer, reinventar e sentir poético: a poesia na sala de aula

A pesquisa proposta neste estudo se pautou, conforme já exposto, na leitura de poemas coletados dos livros *A casa e Lugar comum e outros poemas*, com o intuito de promover aos participantes da pesquisa uma maior proximidade com a poesia e uma formação leitora significativa, uma vez que o gênero parte de uma linguagem verbal, e, para senti-la, compreendê-la e vivenciá-la, é preciso que o ritmo, as imagens e os sentidos sejam percebidos pelo leitor, no caso, o discente, uma vez que o *locus* da pesquisa foi uma sala de aula.

Quanto à metodologia de investigação, o estudo aqui caracterizado é uma pesquisa-ação, de cunho qualitativo. Thiollent (1998) relata que a pesquisa-ação possui uma flexibilidade organizacional, de modo que há sempre uma preocupação dos pesquisadores em adaptarem as melhores estratégias de estudo aos participantes envolvidos na pesquisa, já que imprevistos e situações diversas são suscetíveis em trabalhos que envolvem seres humanos. Num primeiro momento, é importante que se faça contato com o *locus* e os participantes com o intento de se realizar uma sondagem do meio e da realidade local, elencar “apoios e resistências, convergências e divergências, posições otimistas e céticas, etc.” (THIOLLENT, 1998, p. 48). Então,

“com o balanço desses aspectos, o estudo de viabilidade permite aos pesquisadores tomarem a decisão e aceitarem o desafio da pesquisa sem criar falsas expectativas” (THIOLLENT, 1998, p. 48).

Segundo o estudioso, a pesquisa-ação obedece a alguns critérios estruturais que compreendem a sondagem, delimitação do tema da pesquisa, cerceamento do campo de observação, os objetivos a serem alcançados, a delimitação da problemática; a teoria norteadora da pesquisa, a qual Thiollent (1998, p. 55) diz consistir na geração de “ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações”; coleta de dados, elaboração do plano de ação/sequência didática, a capacidade de aprendizagem e a divulgação externa do produto da pesquisa. Com esses apontamentos, é interessante trazer a definição, de acordo com Thiollent (1998, p. 14), de pesquisa-ação, a qual diz:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Após situar e caracterizar teoricamente a pesquisa desse estudo, parte-se para a descrição estrutural do trabalho. A pesquisa foi aplicada por duas vezes, em momentos distintos. Na primeira vez, os participantes compreenderam alunos de sétimo ano, do Ensino Fundamental II, de uma escola pública localizada na cidade de Inhumas – GO.

Não houve participação global da turma, uma vez que alguns alunos se recusaram a participar voluntariamente, outros devido a não permissão de seus responsáveis e outros se ausentaram por motivo de mudança escolar.

O trabalho com a leitura de textos poéticos e o questionário semiestruturado demonstraram, a princípio, certo desinteresse por parte dos participantes, muito provavelmente, pela pouca familiaridade com o gênero textual proposto para a leitura. Assim, percebeu-se a distância dos participantes de informações básicas como conhecimento sobre Heleno Godoy; pouco contato com a literatura na escola (dado obtido mediante informações coletadas no questionário), pouca percepção do que seja um texto poético e distanciamento entre os participantes e a literatura.

É válido mencionar que, mesmo com resultados poucos expressivos ao final desse primeiro momento da pesquisa, houve uma alteração do perfil das respostas referentes ao trabalho com a literatura na escola. Muitos demonstraram indícios de terem fruído a leitura de poemas. Quanto às atividades escritas, pode-se relatar uma

mistura de posturas. Alguns participantes realizaram os exercícios com empenho, outros com queixas e questionando o porquê das tarefas.

No entanto, independente da disponibilidade ou não de se prontificar facilmente ao que foi proposto, todos os envolvidos apresentaram dificuldade na escrita. Alguns desconheciam a estrutura básica de um poema, mesmo com a pesquisadora esclarecendo a estruturação do gênero em estudo. Apresentaram também defasagem quanto à organização e desenvolvimento de ideias. Na atividade de escrita criativa ou ‘exercício com a linguagem poética’, apenas um participante produziu o poema com mais de duas estrofes. Os demais se limitaram ao mínimo (uma estrofe).

Adiante, com base nos resultados da aplicação da pesquisa e dos dados obtidos, e, sobretudo, por perceber que a resistência dos alunos se deu porque as atividades da pesquisa estavam deslocadas das atividades pedagógicas cotidianas das aulas de Língua Portuguesa, foi feita uma reaplicação da mesma. Em contexto diferente da sala de aula anterior, com outra turma, outra professora regente e com alterações significativas na metodologia.

Dessarte, a reaplicação da pesquisa teve como participantes alunos de 8º ano, turno matutino, do Ensino Fundamental II, com idade entre doze e dezesseis anos, compreendendo cerca de vinte e seis integrantes. Houve, portanto, uma mudança de série: da 7ª para a 8ª. O *locus* da pesquisa foi a mesma escola localizada na cidade de Inhumas – GO, que funciona em dois turnos: matutino e vespertino, com séries que vão do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental.

Os critérios de inclusão da segunda pesquisa foram os mesmos da primeira, com diferença em relação à idade: estar regularmente matriculado na escola, ser do 8º ano (turma C), ser do turno matutino e ter idade entre doze e dezesseis anos. E os critérios de exclusão se definiram pela evasão, não estar regularmente matriculado na escola, ser de 8º ano, não ser do turno matutino e ter idade inferior a doze anos ou superior a dezesseis anos.

Diante, portanto, da constatação dos problemas apresentados na primeira pesquisa, uma nova sequência didática foi elaborada, com um foco maior na leitura e com um número reduzido de atividades escritas. Para que o objetivo da pesquisa pudesse ser alcançado, a metodologia da pesquisa sofreu alterações relevantes, com um trabalho voltado mais para a leitura dos poemas de *A casa e Lugar comum e outros*

poemas, de Heleno Godoy, e a restrição ao trato com as biografias e algumas atividades de escrita criativa, bem como uma carta que seria, posteriormente, entregue ao poeta.

Sobre a importância desse trabalho com a leitura do texto poético na sala de aula, vale destacar a necessidade de que a poesia chegue e se instaure permanentemente nos currículos escolares como o instrumento poderoso de instrução e educação (CANDIDO, 2004) que representa. No tocante ao trabalho com a poesia em sala de aula, Averbuck (1988) diz que a poesia chega à escola marginalmente e que o contato dos educandos com ela é tão raro que aqueles que conseguem manter lembranças desse convívio são tidos como exemplos. A incursão no mundo da poesia é feita sozinha pelo discente, apesar do professor, e as descobertas, por conseguinte, também se dão no plano da solidão. A escola, na verdade, deveria ser lugar propício e promovedor das “possibilidades de inovação e criação” e “território da inventividade”.

A estudiosa, em tempo, refere-se ao caráter gratuito da poesia, “não lucrativo”, agregado de atividades lúdicas e prazerosas, características excluídas em uma sociedade que se volta para o ganho, para o utilitarismo e a objetividade. Logo, ela correlaciona a escola e a sociedade e alerta para as semelhanças quanto aos problemas enfrentados por ambas, visto que estão intimamente ligadas, no que se refere à ‘asfixia’ da capacidade criadora dos jovens, uma vez que a sociedade contribui para essa atitude sufocante por meio de sua “organização e seu sistema estanque de relações”.

E é justamente nesse contexto social em que se encontra a escola que há a necessidade de se inserir a poesia por meio de um ensino voltado para o ato criativo e que resulte na sensibilidade. Averbuck (1988, p.67) inteira que

não se trata, portanto, de que a escola assuma a responsabilidade de “fazer poetas”, mas de desenvolver no aluno (leitor) sua habilidade para sentir a poesia, apreciar o texto literário, sensibilizar-se para a comunicação, através do poético e usufruir da poesia como uma forma de comunicação com o mundo.

Complementar a esse papel assumido pela escola, o professor deve propiciar um clima de interação na mediação do texto poético e assegurar condições favoráveis para que o leitor possa ir ao encontro da poesia e explorar todas as possibilidades inventivas, desde o domínio das representações visuais até o domínio das “representações plásticas”, tais como o ritmo, as rimas, o som e a organização linguística. Sobretudo, é importante que a sala de aula seja lugar oportuno à

sensibilização da poesia e que se tenha a consciência de que “a poesia requer silêncio e espaço interior” (AVERBUCK, 1988, p.70).

Se se quer que a poesia alcance sentido na escola, é preciso que o professor esteja aberto a assumir certos riscos e a, também, se colocar em um caminho de redescobertas e do inusitado, que perpassasse o espaço individual e o espaço coletivo, já que o poema é, por sua vez, um discurso mais hermético com uma natureza de caráter lúdico, que, pela linguagem, reinventa-se constantemente, incita o jogo com as palavras e o exercício da liberdade poética.

É vital que se tenha, na escola, uma proposta metodológica bem definida e clara para que, de fato, a literatura -, especialmente, a poesia - possa ser lida e vivenciada como ocorreu com a experiência de leitura dos poemas de Heleno Godoy aqui relatados.

Em muitos casos, a leitura do texto poético se esbarra na pouca afinidade e, por vezes, moderado interesse dos mediadores desse processo: os docentes. Isso se justifica pela quase sempre baixa familiaridade com o gênero, pouco acesso às obras poéticas durante as suas formações acadêmicas, incentivo mínimo das instituições de ensino ao trabalho com a poesia, dificuldade dos docentes em ler, analisar e interpretar os textos poéticos e o contato restrito com a arte, em todas as esferas.

Silva (s/d), em artigo publicado sobre a formação do leitor e a poesia na sala de aula, discute sobre as figurações do professor e a condução do trabalho com o texto poético, até que se alcance a fruição estética. A pesquisadora conceitua o ‘fruir estético’ e o entende “no sentido da apropriação que o leitor faz do texto e da permissão para que esse texto lhe atinja a subjetividade” (SILVA, s/d, p. 3). A caracterização do termo vai ao encontro da poesia, no sentido de que a boa disposição do leitor para com o texto poético permite uma experiência que reaviva a palavra poética e a coloca no plano da vida, extrapolando o limite escolar.

Sobre o papel e a atuação docente, Silva acrescenta que a prática da leitura e da escrita na escola se configura como desafio para os professores, visto que não é incorporadas socialmente e se torna ainda mais desafiadora quando se trata da leitura do texto poético, em específico. Entretanto, vale lembrar que a poesia, por ser ‘arte’, é necessária à vivência humana. Ela humaniza, ela educa, ela forma.

Retomando o relato da experiência vivenciada na sala de aula com a leitura da poesia de Heleno Godoy, uma das propostas apresentadas, quase ao final das atividades,

foi a produção de uma carta ao poeta. Pode-se perceber que os participantes escreveram-na obedecendo à estrutura do gênero e demonstraram, linguisticamente e afetivamente, o quanto a pesquisa foi relevante e o quanto Heleno Godoy contribuiu para a aproximação desses leitores com o mundo da poesia e com o texto do poeta. Os efeitos estéticos da obra godoyana cumpriram seu propósito e despertaram nos participantes a função humanizadora e sensibilizadora da poesia.

Portanto, o resultado obtido demonstrou eficácia na formação leitora de poesia, com boa participação e envolvimento dos jovens participantes. A obra de Godoy obteve o prestígio a que faz jus; os discentes entenderam e compreenderam como ler um texto poético moderno e contemporâneo e, principalmente, a contribuição para a formação leitora jovem se deu. Além do fato de os participantes perceberem a atemporalidade da produção de Godoy.

Por fim, depois de desenvolvidas todas as etapas da pesquisa, foi produzido um documentário que, entremeado de poemas e dados biográficos do poeta, consistiu em depoimento de Heleno Godoy, abarcando temas sobre poesia, poesia na sala de aula, leitura de poesia na Educação Básica e formação docente. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o documentário obteve êxito e muito contribuirá para a promoção da poesia, da leitura, da literatura e da obra godoyana, além de dar-se a conhecer, com maior expressividade, ‘Quem é Heleno Godoy?’.¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro aspecto a ser abordado é a contribuição para a formação do leitor de poesia. Antes, porém, é importante ressaltar que a escolha pelo gênero poético se deu em virtude de a pouca ou baixa receptividade à poesia, tanto de docentes quanto de alunos, em sala de aula ser uma realidade na maioria das escolas. De docentes, em certa medida, por apresentarem resistência ao gênero, até mesmo, pelas lacunas decorrentes da formação nos cursos de Letras e de Pedagogia (quando se trata da leitura de poesia nas séries iniciais).

¹ Posteriormente, o referido documentário será disponibilizado no canal *Youtube* sob o título “Heleno por Heleno: vida, poesia e ensino”.

É possível dizer que a contribuição para a formação do leitor de poesia, nesta investigação, obteve excelência. Apesar das dificuldades encontradas no decorrer do processo, a sensibilização ao texto literário, especificamente ao poético, e a boa recepção com a obra de Heleno Godoy, poeta alvo deste estudo, foram, ao final, satisfatórias.

Nesse ínterim, rememora-se Heleno Godoy, dantes mencionado. O desejo em se adentrar, com maiores detalhes, as obras do poeta, especialmente *A casa e Lugar comum e outros poemas*, corpus de análise desta pesquisa, assim como o adensamento em estudos sobre a crítica e vida literária do escritor, foi motivado por ser ele um autor vivo, ativo e próximo – natural do estado de Goiás e residente em Goiânia –, portanto, um autor contemporâneo, mas que mantém um diálogo estreito com o paradigma moderno.

Encerra-se, pois, o segmento com uma reflexão de Ricardo Azevedo, em seu artigo intitulado “Formação de leitores e razões para a literatura”, em que o escritor pontua sobre a formação de leitores, a idealização a respeito da leitura e o papel da literatura frente à humanização do homem. Assim discorre Azevedo (In: SOUZA, 2004, p.46):

(...) vai ser difícil formar leitores insistindo em idealizações a respeito da leitura, aceitando passivamente a divisão indiscriminada de pessoas em abstratas faixas etárias, ignorando a existência de diferentes tipos de livros e textos e, ainda, sem levar em consideração certas características e especificidades da Literatura, entre elas, seu compromisso profundo e essencial com a existência humana concreta.

É importante mencionar, portanto, que a leitura e a literatura alcançam seus intentos, quando possibilitam a formação e elevação do ser e contribui para um mundo mais igualitário, humano, dotado de equidade e em que todas as formas de arte possam chegar, livre, sem censuras, às mais variadas camadas sociais e faixas etárias, com um direito ao acesso à literatura assegurado, indiscriminadamente, ao homem (CANDIDO, 2004).

Para finalizar, fica aqui uma frase dita pelo próprio Heleno Godoy e presente no documentário feito com o poeta, em que ele diz: “Continuo insistindo, sem literatura um país não chega a lugar nenhum. Sem leitura, um país, também, não chega a lugar nenhum. Sem educação, nós não conseguimos absolutamente nada.” (GODOY, Documentário “Heleno por Heleno: vida, poesia e ensino”, 04-07-2018).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. 3ª reimpressão. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 8ª ed. [por] Vera Teixeira de Aguiar [e outros]. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 63-83.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004, p. 37-47.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Org. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 15-35.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. Volume 2. São Paulo: Globo, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Prática de leitura. In: BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 1997. p. 40-47.
- _____. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. *Linguagens, códigos e suas tecnologias/* Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, 2006. (volume 1).
- CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: _____. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CAMARGO, Goiandira Ortiz. A casa de “bem mais tarde” de Heleno Godoy. In: GODOY, Heleno de. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Goiânia: Martelo, 2015. p. 568-583.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- GODOY, Heleno. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Goiânia: Martelo, 2015.
- _____. **Relações Narrativas**. 2ªed. Goiânia: Ed. Universidade Católica de Goiás, 1993.
- JORGE, Miguel. Heleno Godoy e o GEN. In: GODOY, Heleno de. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Goiânia: Martelo, 2015. p. 610-617.
- LIMA, Luiz Costa. A arte secreta. “Caderno Mais”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 de abr. 2006, In: GODOY, Heleno de. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Goiânia: martelo, 2015. p. 501-503.

NOSTRAND, Albert d. Van. A tradição e o talento individual. In: _____. **Antologia de crítica literária**. Rio de Janeiro: Lidador, 1968.

OSAKABE, Haquira. Poesia e indiferença. In: **Leituras literárias**: discursos transitivos. Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 37-54.

OSCAR, David. Um poeta substantivo. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 498-501. Goiânia: martelo, 2015.

PAZ, Octavio. **O Arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982..

_____. **Os Filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PROCÓPIO, Raphaela Pacelli. Heleno Godoy e a poesia práxis. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 601-609. (coleção cabeça de poeta o6. série contemporânea). 660 p.

_____. **Momentos significativos da poesia de Heleno Godoy: Os veículos, A casa e Lugar comum e outros poemas**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2011, 132 f.

SILVA, Carlos Augusto. **Heleno Godoy**: a precisão poética. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/opção-cultural/heleno-godoy-a-precisao-poetica>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SILVA, Célia Sebastiana. **Formação do leitor e poesia na sala de aula**. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem11/COLE_3391.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2018. s/d, p.1-5.

SILVA, Célia Sebastiana; VICENTINI, Albertina. Trímeros – Três livros em um tempo de poeta. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Goiânia: martelo, 2015.. p. 551-565.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8ªed. São Paulo: Cortez, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 2ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAM, Regina. (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. Sobre Lugar comum e outros poemas. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. . Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Goiânia: martelo, 2015p. 504-512.

_____. Reconfigurações da memória na poesia brasileira contemporânea. In: **Poesia Brasileira Contemporânea & Tradição**. 1. ed. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa, Alexandre Bonafim. São Paulo: Nankin, 2015. p. 43-63.